

CAPITÃO DÓLAR: A REPRESENTAÇÃO DO IMIGRANTE VALADARENSE NA MÍDIA IMPRESSA LOCAL NO INÍCIO DA DÉCADA DE 1990.

RESUMO

Juliana Vilela Pinto¹

A partir dos anos de 1980, década em que o movimento migratório de Valadarenses rumo aos Estados Unidos deixou de ser esporádico e se transformou em um fluxo constante e crescente, a questão começou a ganhar destaque na mídia impressa local, nacional e internacional. O periódico local Diário do Rio Doce conferiu tanto destaque à questão que nos anos de 1990 lançou um personagem para homenagear os milhares de compatriotas que deixaram a terra natal rumo ao país do *Tio Sam*. A proposta deste artigo é fazer uma análise deste personagem, o “Capitão Dólar”, que representa o estereótipo de um valadarense deslumbrado e que vê nos Estados Unidos a melhor alternativa para uma vida melhor. Para tanto, as tirinhas serão submetidas ao procedimento de análise de conteúdo e, também será feito, a partir de um levantamento bibliográfico, um histórico sobre o território valadarense e sua relação com o fenômeno da migração internacional contemporâneo, fortemente marcado pela globalização.

Palavras chave: migração internacional, Governador Valadares, Globalização

ABSTRACT

Since the 1980s, the decade in which the migration of Valadarenses to the United States ceased to be sporadic and became a steady and growing, the issue came to prominence in the press locally, nationally and internationally. The local newspaper Diário do Rio Doce has given so much prominence to the issue that in 1990 launched a character to honor the thousands of compatriots who left their homeland into the country of *Tio Sam*. The purpose of this paper is to analyze this character, "Captain Dollar," which is the stereotype of a Valadares dazzled and sees the United States of America the best hope for a better life. For this, the strips are then submitted to content analysis and will also be done from a literature review provides background on the territory of Governador Valadares and its relation to the phenomenon of contemporary international migration, strongly marked by globalization.

Keywords: international migration, Governador Valadares, Globalization

¹ Jornalista, graduada pela Universidade Vale do Rio Doce, mestranda do Programa de Mestrado em Gestão Integrada do Território da Univale.

1. INTRODUÇÃO

A comunicação é um elemento essencial para os processos de sociabilidade humana, dentre os quais é importante destacar a construção da memória e da identidade. O passado pode ser observado, compreendido e, conseqüentemente narrado de formas diversas. Os jornalistas retratam este passado e os jornais servem de fonte quando precisamos resgatar ou estudar um determinado assunto, como é o caso da migração de valadarenses para os Estados Unidos.

A comunicação é, também, agente ativo no processo de construção histórica, deixando marcas ao longo de toda a trajetória da humanidade. Desta forma, se comporta como um elemento potencial da memória, que pode ser recuperada como traço distintivo de identidades coletivas e individuais acerca do passado instituído. Em uma realidade midiaticizada, a comunicação é cada dia mais relevante no eterno jogo entre memória e esquecimento, que marca a existência humana.

Os últimos séculos acompanharam uma evolução tecnológica desenfreada com a criação dos telégrafos, do cinema, do rádio, da televisão e, mais recentemente, da internet, capaz de conectar, em tempo real, pessoas espalhadas pelos mais diversos rincões do mundo. Haesbaert (2004) destaca a fragilização das fronteiras e a mobilidade constante, seja ela concreta ou simbólica, em que se transformou a nossa vida. Neste contexto, a comunicação de massa emerge como um território simbólico, ou seja produto da apropriação simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido.

No caso da cidade de Governador Valadares o tema da migração foi abordado pela mídia impressa das mais diversas formas, principalmente a partir da segunda metade dos anos de 1980, fase em que é registrado um verdadeiro boom migratório. Este artigo surge com base em uma pesquisa realizada no arquivo do jornal Diário do Rio Doce, o principal periódico da cidade. A partir da observação e leitura de todo o conteúdo sobre o tema publicado entre 1980 e 1995 foi possível encontrar reportagens, crônicas, charges e até mesmo suplementos especiais com circulação no Brasil e Estados Unidos, cujo conteúdo traz reportagens para manter os imigrantes informados sobre a terra natal e também mostrava aos moradores de Governador Valadares como era a vida dos conterrâneos na terra do *Tio Sam*.

Dentre todo o conteúdo analisado, uma sequência de histórias em quadrinho sobre o tema da imigração chamou a atenção. No dia 11 de julho de 1990 foi lançado o personagem “Capitão Dólar”, criado pelos publicitários Clóvis Moreira Costa e Marcondes Tedesco. Em reportagem publicada pelo jornal no dia 31 de janeiro de 1991 os criadores definem o “herói” como um valadarenses que volta dos Estados Unidos cheio de si.

A proposta deste artigo é fazer uma análise de conteúdo destas “tirinhas” que circularam diariamente no jornal entre julho de 1990 e setembro de 1991. Em um ano e três meses foram publicadas mais de 400 histórias, cujo conteúdo trabalha de forma irônica a relação existente entre a comunidade valadarenses e o fenômeno migratório na era global.

2. O NOVO CONTEXTO MIGRATÓRIO NO CENÁRIO DA GLOBALIZAÇÃO

Para que possamos compreender o conteúdo das tirinhas e a relação existente entre Governador Valadares e a Terra do *Tio Sam* é preciso voltar no tempo e analisar o processo de territorialização e o histórico da cidade, fortemente marcada pelo fenômeno da migração internacional.

A migração é parte do processo civilizatório dos seres humanos. Mas, no caso do Brasil, o cenário recente contraria a história do país, pois acontecia, até o século passado, o inverso do processo migratório registrado nos dias de hoje. O Brasil era um país marcado pela imigração e caracterizado pela aptidão acolhedora e a chegada destes imigrantes provocou mudanças consideráveis na formação do território brasileiro.

Quando abordamos o conceito de território é importante fazer uma distinção no que se refere ao espaço. Estes não são termos equivalentes. Raffestin (1993) define que um território é formado a partir do espaço² e compreende o resultado de uma ação conduzida por ator sintagmático³ – quando o espaço é apropriado, seja de forma concreta ou abstrata (por uma representação, por exemplo), ocorre o processo de

² O espaço é anterior ao território. O território se apóia no espaço, mas não é o espaço. É uma produção, a partir do espaço.

³ Ator que realiza um programa

territorialização. O território é entendido como o espaço socialmente apropriado, produzido, dotado de significado. Neste território são firmadas as relações de poder estabelecidas pelos homens e o espaço é constantemente modificado.

O território (...) [é] um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder. O espaço é a "prisão original", o território é a prisão que os homens constroem para si. (RAFFESTIN, 1993, p.2).

Deleuze e Guattari (apud HAESBAERT, 2004) propõem uma noção mais ampla de território, como um dos conceitos chave da filosofia, em dimensões que vão do físico ao mental, do social ao psicológico e de escalas que vão desde um galho de árvore desterritorializando até as reterritorializações absolutas do pensamento. É necessário ver como cada um, em qualquer idade, nas menores coisas, como nas maiores provações, procura um território para si, suporta ou carrega desterritorializações e se reterritorializa.

Já Santos (2002) compreende que o território é formado no desenrolar da história, a partir da apropriação humana de um conjunto natural pré-existente, sendo configurado pelas técnicas, meios de produção, objetos e coisas: pelo conjunto territorial e a dialética do próprio espaço. O autor destaca a importância dos aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais que se entrelaçam de acordo com o movimento na sociedade no decorrer da história

No Brasil, por exemplo, a chegada dos imigrantes trouxe modificações profundas na estrutura social, econômica e demográfica e também teve papel importante na evolução e na formação da composição da população brasileira, marcando um processo constante de territorialização e reterritorialização do espaço. Ao chegarem os indivíduos ocupam pontos no espaço e são distribuídos a partir de modelos que podem ser aleatórios, regulares ou concentrados.

Certamente, nos dias de hoje a chegada de brasileiros também provoca alterações consideráveis na estrutura territorial dos países de destino. No entanto, os novos fluxos migratórios apresentam características muito diferentes do processo que trouxe milhares de estrangeiros para o Brasil. O mundo global, contexto em que estão inseridos os novos fluxos, exige a reavaliação de paradigmas e teorias.

Ianni (1996) destaca que com o advento da globalização o mapa do mundo se embaralha e a história entra em movimento. As forças produtivas ultrapassam as fronteiras geográficas, históricas e culturais, em um processo “...*que desafia, rompe, subordina, mutila, destrói ou recria outras formas sociais de vida e de trabalho, compreendendo modos de ser, pensar, agir, sentir e imaginar*” (IANNI, 1996, p.2)

De acordo com Giddens (1999) a globalização, ao ignorar tempo e distância, acabou com as fronteiras geográficas ligando economias, mercados e sociedades. Graças às novas formas de interação social, lançadas com o advento das novas tecnologias de comunicação, mesmo à distância, um agente social de um determinado país pode influenciar na política, economia ou até mesmo nos costumes em escala planetária.

Neste contexto, estão inseridos os novos fluxos migratórios. Como destaca Assis (1995), eles se dão em um mundo cada vez menor e mais conectado, graças ao desenvolvimento dos meios de comunicação, dos transportes e da informática. Desta forma, evidencia-se um contexto de migrações transnacionais, que amplia possibilidade de relações sociais entre a origem e a sociedade de destino, entre o local e o global.

O surgimento das chamadas cidades globais, provoca a “dispersão das atividades econômicas pelo mundo” (IANNI, 1996, p. 3), as fronteiras nacionais são rompidas em um processo de desterritorialização e reterritorialização de pessoas, coisas e idéias. Há uma disjunção espaço-temporal e o conseqüente surgimento de espaços transnacionais, que transformam certas cidades e regiões em um “empório de mercadorias do mundo” (SASSEN, 1998).

Mas é importante destacar, como ressaltam as pesquisadoras Assis e Siqueira (2009), que esta globalização, apesar de conectar o mundo em tempo real, também tem sua face excludente. Ao passo em que o dinheiro, as mercadorias, os turistas e os viajantes têm a possibilidade de circular livremente entre os países os imigrantes já não encontram a mesma facilidade na hora de cruzar a fronteira.

Apesar de parecer um processo homogeneizador, a globalização traz diferenciação e fragmentação. Como descreve Ianni (1996) a sociedade global é atravessada por um desenvolvimento desigual e contraditório em que as mesmas forças promovem integração, desagregam: contradizem.

Patarra (2006) destaca que neste contexto global os movimentos migratórios devem ser compreendidos como uma denúncia.

(...)os movimentos migratórios internacionais representam a contradição entre os interesses de grupos dominantes na globalização e os Estados nacionais, com a tradicional óptica de sua soberania; há que tomar em conta as tensões entre os níveis de ação internacional, nacional e local. Enfim, há que considerar que os movimentos migratórios internacionais constituem a contrapartida da reestruturação territorial planetária intrinsecamente relacionada à reestruturação econômico-produtiva em escala global. (PATARRA, 2006, p. 8)

3. O TERRITÓRIO VALADARENSE E O FENOMENO MIGRATÓRIO

A migração exerce uma função econômica dupla: do ponto de vista do capital, é uma forma de suprir a demanda de trabalho em diferentes setores do sistema; do ponto de vista do trabalho é uma forma de aproveitar oportunidades desigualmente distribuídas no espaço (ALEJANDRO PORTES E ROBERT BACH, APUD MARGOLIS, 1994, p.12)

De forma geral, o mundo capitalista acarreta a mobilidade espacial da população, mas no caso do Brasil e, mais especificamente, de Governador Valadares, a década de 1980 foi marcada por uma série de mudanças, que desencadearam uma reestruturação produtiva e econômica, a partir da mobilidade do capital e da população. Os deslocamentos populacionais, dentre os quais se destacam os fluxos migratórios internacionais ajudaram a reconfigurar a estrutura territorial mundial.

Entre estes novos fluxos migratórios destacam-se os pioneiros valadarenses, que começaram a migrar para os Estados Unidos ainda na década de 1960. Amorim (2008) aponta que, dadas as características assumidas pela migração na cidade, é possível dizer que ela faz parte do imaginário coletivo não apenas uma saída para a crise financeira, mas também, como um projeto simbólico com o qual muitos cidadãos se identificam.

Como destaca Almeida (2003), a cidade de Valadares revela uma longa história de ocupação e exploração que remonta o século XVII, com a descoberta de ouro na região. Localizada em um ponto estratégico em relação às fontes produtoras de minérios e pedras semipreciosas, a cidade atraiu muita gente para executar atividades de apoio à mineração, conferindo à cidade papel de entreposto comercial.

E esta característica é um dos fatores que ajudou a formar na cidade um quadro propício à imigração. Assis (1995) divide a conexão entre Governador Valadares e os Estados Unidos em três etapas. O interesse dos valadarenses pela terra do *Tio Sam* começou ainda na década de 1940, mesmo antes dos primeiros imigrantes desembarcarem em território americano. Na época da II Guerra Mundial, a mica era um produto essencial para a indústria bélica⁴ e a abundância deste mineral na região chamou a atenção de empresas americanas, interessadas na extração e comercialização da substância.

Trabalhadores estrangeiros, de maioria americana, chegaram à cidade para trabalhar com a exploração do minério e posteriormente na ampliação da estrada de ferro Vitória - Minas⁵. Também a partir de uma parceria entre os dois países foi criado o Serviço Especial de Saúde Pública (SESP) para o tratamento de água e combate a doenças como a malária. Espíndola e Oosterbeek (2008) destacam que nesta época, nos anos de 1940 e 1950, a abertura de estradas e o saneamento favoreceram a ocupação da floresta tropical e a expansão das atividades extrativista, transformando a cidade em um pólo regional.

A partir das diversas formas de contato entre os valadarenses e os norte-americanos, foi criada no imaginário local a idéia dos Estados Unidos como uma terra promissora, com vasta oportunidade de emprego e ascensão social.

Os Estados Unidos da América passam a ser, do "mundo estrangeiro", a referência mais concreta; tornam-se parte da vida e reduto de esperança, cujas raízes assentam-se nesses contatos que têm início na década de 40. Com mais propriedade, pode dizer-se que esse espaço específico (Estados Unidos da América) incorpora-se à extensão do conhecimento geográfico da sociedade valadarense, torna-se "conhecido", facilitado, mais presente; já não faz parte de um mundo qualquer, ganha contornos definidos nas relações que se estreitam comercialmente. (SOARES, 1995, p.95).

Pesquisadores da área como Bicalho (1989), Sales (1991), Margolis (1994), Assis (1995), Almeida (2003), Siqueira (2006) destacam a presença americana na

⁴ O mineral era utilizado como material de isolamento pelas indústrias bélicas.

⁵ Na década de 50, os americanos que trabalhavam para a Morrison-Knudsen (um consórcio de empresas entre EUA e Canadá) estiveram em Governador Valadares para trabalhar e prestar consultoria na modernização da estrada de ferro Vitória Minas, que pertence à Vale. Data deste período a construção de um acampamento com um conjunto de casas de padrão americano, que hoje é um bairro residencial da cidade e já não apresenta mais as características de construção americanas.

cidade como fator contribuinte para a migração. Entre os anos de 1950 e 1960 com uma população basicamente constituída de imigrantes a idéia de emigrar era vista pelos brasileiros como uma alternativa de ganhar mais dinheiro em bem menos tempo.

Mas é conveniente destacar que a presença americana não é o único fator que determina o fluxo migratório. Além de Governador Valadares, outras cidades brasileiras também receberam imigrantes nesta época. No entanto, o fluxo migratório para o exterior não foi configurado em todas as localidades. Desta forma é possível constatar que o vínculo estabelecido com os estrangeiros foi apenas um, entre um conjunto de fatores que determina a saída de valadarenses em direção ao exterior. (AMORIM, DIAS, SIQUEIRA, 2008).

Um outro fator importante é a tradição histórica da região de Valadares, marcada por ciclos econômicos baseados no extrativismo predatório. Com o decorrer da exploração, estas práticas apresentam sinais de esgotamento e já não são capazes de se auto-sustentar. *“A substituição de uma atividade predatória por outra, acabou por gerar o declínio dessas atividades e a impossibilidade de as mesmas continuarem existindo como base econômica da cidade e região”*. (AMORIM, 2008, p.3).

A partir da década de 1960, a cidade enfrentou um período de estagnação econômica. O desmatamento contínuo levou à introdução da prática da pecuária extensiva, mas a inserção da nova atividade não foi suficiente para absorver o excedente de mão-de-obra. (ALMEIDA, 2003).

A região é historicamente marcada por ciclos econômicos baseados no extrativismo predatório. Essas atividades apresentam no decurso do seu desenvolvimento sinais de esgotamento dado a sua incapacidade de manter um curso auto-sustentável. A substituição de uma atividade predatória por outra, acabou por gerar o declínio dessas atividades e a impossibilidade de as mesmas continuarem existindo como base econômica da cidade e região. (AMORIM, 2008, p.3).

Neste contexto de estagnação está inscrita a primeira leva de imigrantes, que saiu de Valadares rumo ao exterior. A migração começou de forma discreta ainda na década de 1960, mais precisamente no ano de 1964. Dezesete jovens, com idade entre 18 e 27 anos, todos com visto de trabalho e com boa condição financeira, foram para os Estados Unidos ganhar dinheiro e retornar. Estes pioneiros valadarenses, oriundos da classe média não migravam por razões puramente econômicas, mas

também motivados pela curiosidade de conhecer a terra das grandes oportunidades. (ASSIS E SIQUEIRA, 2009).

A escola valadarense de inglês IBEU (Instituto Brasil Estados Unidos) levava brasileiros para participar de programas de intercâmbio nos Estados Unidos. Os relatos dos intercambistas encantados com o estilo de vida norte americano impulsionaram os primeiros imigrantes, que partiram com visto de trabalho, constituindo os primeiros pontos da rede social, que impulsionou e facilitou a chegada de outros valadarenses aos Estados Unidos.

As cartas acompanhadas de fotos eram enviadas com frequência relatando as oportunidades e maravilhas da terra, difundindo assim a grande aventura que era emigrar. Esses primeiros emigrantes davam o suporte necessário para os que desejavam emigrar, além das informações emprestavam dinheiro para o depósito⁶, buscavam no aeroporto, ofereciam estadia ou moradia, arrumavam o primeiro emprego, compravam roupas adequadas ao clima dos EUA. (ASSIS E SIQUEIRA, 2009, p.12)

Como já foi descrito anteriormente, a migração interna já é comum em terras brasileiras, também por esta tradição a migração internacional era entendida como “*um projeto possível e relativamente fácil de concretizar*” (SIQUEIRA, 2006, p. 62). Estas supostas facilidades ajudam a compreender a saída dos primeiros migrantes.

Na década de 60, com uma população constituída basicamente de imigrantes, a idéia de ‘fazer América’ era uma ‘aventura’, assim como a vinda dos imigrantes para Valadares na boléia de caminhão, ou diretamente de um porto no Rio ou São Paula para esta cidade (ASSIS, 2002, p.46).

Os anos de 1980 também ficaram conhecidos no Brasil como a década perdida, em decorrência do fracasso dos planos de estabilização econômica. Neste período, hiperinflação dificultava a manutenção do padrão de vida da classe média brasileira. Com a crise, a emigração ganha característica de fluxo e altera tanto o país de origem quanto o de destino. Margolis (1994) destaca alguns números desta crise: Nos anos de 1990, a inflação chegou a atingir média anual de 1.795%. No primeiro ano do mandato do então presidente Collor, em 1990, a economia sofreu retração de 4,6%, maior queda desde 1947.

⁶ Neste período era necessário fazer um depósito de mil dólares no consulado americano para receber o visto de trabalho.

Os países mais pobres, como o Brasil, viveram na década de 80 tentativas malsucedidas de ajuste econômico e financeiro, visando à nova realidade do capitalismo internacional e à necessidade de saldarem os compromissos com os pagamentos das dívidas externas. O resultado foi uma década de crise econômica com uma profunda dimensão social, em que as taxas de desemprego se aproximaram dos 15% e a miséria se generalizou para 20% da população (BRITO, 1996, p.11)

E Neste contexto, a partir da segunda metade dos anos de 1980 é registrado um verdadeiro boom migratório⁷. A crise, que derrubou o otimismo econômico e empobreceu a classe média, associada ao ideal dos Estados Unidos como nação próspera e a existência de uma rede que funciona como elo entre origem e destino deram origem a um fluxo intenso de valadarenses para os Estados unidos. O número de migrantes internacionais passou de 75 milhões em 1965 para 120 milhões em 1990, o que representa, neste ano 2,3% da população mundial. Aproximadamente 4,5% da população das regiões mais desenvolvidas e 1,6% das regiões menos desenvolvidas (SORES, 1995, p.1).

Ao analisarmos a relação entre os valadarenses e a migração também não podemos deixar de lado a existência das redes sociais, formadas por parentes e amigos que vivem nos Estados Unidos e de uma forma ou de outra contribuem para a chegada de novos imigrantes. De acordo com Assis e Siqueira (2009) estas redes representam um poderoso capital social que ajuda as pessoas com baixa escolaridade e recursos na experiência migratória de longa distância.

4. Capitão Dólar – A representação irônica de um imigrante “cheio de si”

Um estrangeiro em seu próprio país. Assim pode ser definido o personagem “Capitão Dólar”. Apesar de ser um personagem fictício e do humor contido nas histórias, a verdadeira mensagem transmitida por esta sequência de quadrinhos é uma denúncia com relação à situação dos brasileiros que vivem no Estados Unidos e do sentimento de não pertencimento quando retornam à terra natal.

⁷ De acordo com os dados apresentados por SALES (1999, p.18), 49% dos brasileiros que chegaram à região de Boston entre 1967 e 1995, desembarcam entre 1985 e 1989; entre 1990 e 1995 foram 28,6%. Já entre 1967 e 1984, um período de 17 anos, chegaram 22,4%, uma quantidade bem menor dada a proporção de tempo. Estes dados evidenciam o boom migratório compreendido entre 1985 e 1995.

Como não é possível trabalhar com todas as tiras no artigo foram selecionados os dois primeiros meses, pois apresentam um conteúdo cujas mensagens realçam bem a postura do imigrante retornado, o deslumbre dos valadarenses com a possibilidade de conseguir um visto de entrada e algumas situações típicas que mostram a forte relação existente entre a cidade e os Estados Unidos. Nem todas estão reproduzidas, mas o conteúdo de todas foi avaliado e está representado neste item do trabalho. Para compreender o conteúdo deste material, será feito um trabalho de análise do conteúdo⁸

Na hora de analisarmos as tiras precisamos nos atentar à importância que a imagem exerce no universo opinativo da comunicação. Como destaca Cavalcante (2002) este é um recurso fundamental capaz de influenciar um público amplo, que muitas vezes não se interessa pelos gêneros opinativos clássicos, como o editorial e a crônica. *“Ela tem o mérito de produzir um impacto muito maior na cabeça do leitor, pois se utiliza da evidência e do humor, na apreensão do dia-a-dia”* (CAVALCANTE, 2002, p.130).

Nicolau (2007) classifica as tiras publicadas nos jornais como um gênero opinativo do mesmo nível que um editorial. O autor destaca ainda a importância social que as tiras adquiriram a partir dos anos de 1970, pois, apesar do humor, trazem um conteúdo quente e crítico capaz de retratar com aguçada ironia os paradoxos da nossa sociedade.

Este gênero surgiu nos Estados Unidos, a partir da necessidade de os jornais diversificarem o seu conteúdo. De forma sucinta, as tirinhas trabalham com a pluralidade de sentidos e trazem um desfecho inesperado. As histórias têm como base uma piada curta e envolvem, na maioria das vezes, personagens fixos e estereotipados, como o Capitão Dólar e seu amigo engraxate.

As *tiras* jornalísticas configuram-se como pequenas narrativas estruturadas por intermédio dos códigos verbais e icônicos, cujos elos são os balões. Elas propiciam análises em diferentes perspectivas, aproveitando a combinação entre falas, expressões e gestos das personagens, e privilegiando a situação contextual das *tiras* pelo seu aspecto interacional. São textos encontrados na vida diária que operam em determinados contextos (MELO, 2008, p.63)

⁸O principal trabalho sobre a análise do conteúdo, que serve de base nesta dissertação foi elaborado por Bardin (1977). O autor define esta metodologia como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que através de procedimentos sistemáticos e objetivos visa obter indicadores, que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e recepção das mensagens

TIRA 01



Fonte: Diário do Rio Doce

A tira acima (Tira 01) foi a primeira da saga “Capitão Dólar”, publicada no Diário do Rio Doce em 11 de julho de 1990. O recém retornado imigrante chega à redação do jornal e se apresenta ao diretor da publicação como sobrinho do *Tio Sam*, fazendo uma alusão aos Estados Unidos. Com um ar prepotente, o “Capitão” se veste ao melhor estilo norte-americano, com calça rasgada, colete e vários cordões pendurados. Após uma temporada longe da terra natal, o imigrante volta deslumbrado acreditando que os Estados Unidos são o melhor lugar do mundo.

Ao desembarcar no Brasil, com a mala repleta de dólares, o protagonista destas histórias faz amizade com Johnny, um rapaz negro, morador do morro do Carapina, que trabalha como engraxate e tem um sonho: conseguir o visto de entrada para os Estados Unidos. O valadareense, com nome de americano, então, se alia ao Capitão Dólar, pois acredita que ele pode ajudá-lo a conseguir seu objetivo e, enfim, melhorar de vida.

Na cabeça do jovem engraxate, o Capitão é o exemplo que um valadareense que, com a imigração, conseguiu dar a volta por cima, fortalecendo a imagem dos Estados Unidos como uma nação próspera, marcada pelo progresso e o desenvolvimento.

As tirinhas foram publicadas no início dos anos de 1990, época em que o Brasil vivia uma forte crise econômica, com índices inflacionários que ultrapassavam 1.000%⁹. De acordo com informações publicadas no próprio jornal “Diário do Rio Doce” no dia 31

⁹ De acordo com dados disponíveis no Almanaque Virtual do Jornal Folha de São Paulo, a inflação acumulada do ano de 1990 foi de 1.476,56%

de janeiro de 1991, estimava-se que cerca de 12% da população residia em terras norte-americanas. Se cada um destes imigrantes enviasse para o Brasil a quantia de 200 dólares por mês, a cidade receberia uma remessa de aproximadamente 6 milhões de dólares ou 1,308 bilhões de cruzeiros¹⁰.

As cifras altas impressionam e fazem com que o capitão se torne uma verdadeira celebridade. Mas, na verdade, a história revela um homem ignorante, com poucos conhecimentos e que executava trabalhos desqualificados como lavar defuntos e pratos. Desta forma, os cartunistas revelam a realidade de emprego dos valadarenses que moram nos Estados Unidos: o mercado secundário de trabalho. As tiras abaixo, publicadas nos dia 13 de julho de 1990 (Tira 02) e no dia 18 de agosto (Tira 03) de 1990 ilustram bem a situação.

Na visão de Margolis (1994), o grande poder de atração, que faz com que os imigrantes troquem o Brasil pelos Estados Unidos, está na oferta de empregos de baixo nível, que requerem pouca fluência de inglês, mas oferecem ao imigrante uma remuneração muito maior do que a recebida no país de origem.

Como destaca Brito (1996) quando o brasileiro deixou de optar pela migração interna e escolheu o exterior como alternativa, ele deparou com condições adversas, pois no estrangeiro a inserção do migrante, mesmo aquele que tem um certo nível de escolaridade, se dá em um espaço secundário em que muitas vezes é preciso competir com os moradores locais. No entanto, a possibilidade de uma melhor condição financeira, acaba compensando a perda de *status* e prestígio social.

TIRA 02



¹⁰ Valor da cotação do Dólar referente ao dia 25 de janeiro de 1991, em matéria publicada no jornal no dia 31 de janeiro do mesmo ano.

Fonte: Diário do Rio Doce

TIRA 03

Fonte: Diário do Rio Doce

Por sua vez, Johnny quer ir de qualquer forma para os Estados Unidos. O rapaz usa uma camiseta com o símbolo “U\$” que representa a moeda americana e ensaia algumas palavras em inglês para que, com a ajuda do amigo recém retornado consiga o visto, chave para entrar na terra do *Tio Sam*. A história abaixo publicada no dia 14 de julho de 1990 ilustra esta situação.

TIRA 04

Fonte: Diário do Rio Doce

O idioma americano, o inglês também é explorado pelos autores. O Capitão tenta ensinar algumas palavras para o seu amigo, pois acredita que o inglês é mais sofisticado e assim vai atrair mais clientes para Johnny, por isso ele propõe que ele substitua o termo engraxate por *shoe cleaner*. Impressionado com a boa condição financeira do capitão, Johnny aceita, mas a novidade não é bem recebida pelos moradores do morro, como pode ser observado na tira abaixo (Tira 05), publicada no dia 19 de julho de 1990.

TIRA 05



Fonte: Diário do Rio Doce

O materialismo, característico dos americanos também é explorado. Devido à ascensão social que vive no momento, o Capitão Dólar acredita que o dinheiro é capaz de comprar tudo, inclusive a boa forma física, como destacam os cartunistas na tira publicada no dia 22 de julho de 1990 (Tira 06).

TIRA 06



Fonte: Diário do Rio Doce

O passaporte autêntico com visto carimbado, a partir dos anos 80¹¹, raridade, entre os Valadarenses, também é motivo de orgulho para o Capitão Dólar. A leitura dos jornais para a realização da pesquisa mostra que nesta época, como ainda nos dias de

¹¹ Margolis (1994) comenta sobre a dificuldade encontrada pelos brasileiros na hora de conseguir um visto. De acordo com a pesquisadora, os brasileiros não tinham problemas na hora de conseguir visto, pois eram considerados autênticos turistas, mas ao longo dos anos 1980 a situação começa a mudar. Devido ao crescente número de brasileiros *overstayers* (pessoas que excedem o tempo de permanência do visto de turismo) eles são vistos como qualquer outro imigrante transgressor

hoje, eram raros os nascidos em Governador Valadares que conseguiam voltar do consulado com uma resposta positiva, também cresciam a cada dias as denúncias de esquemas ilícitos envolvendo valadarenses para conseguir entrar nos Estados Unidos.

Como destaca Silva Filho (2008), os jornalistas, ao explorar estas denúncias, criam uma imagem deturpada dos valadarenses, quase sempre associada a ida ilegal para os Estados Unidos e a falsificação de passaportes. A dura realidade dos imigrantes é deixada em segundo plano. Neste contexto, o Capitão se sente um verdadeiro herói, privilegiado pelo seu visto: possibilidade restrita a uma minoria, como ilustram as tiras abaixo, publicadas respectivamente nos dias 24 (Tira 07) e 26 de julho (Tira 08) de 1990 e também em 05 (Tira 09) e 22 de agosto (Tira 10) do mesmo ano.

TIRA 07



Fonte: Diário do Rio Doce

TIRA 08



Fonte: Diário do Rio Doce

TIRA 09



Fonte: Diário do Rio Doce

TIRA 10



Fonte: Diário do Rio Doce

Pelo excessivo número de valadarenses que optaram pelos Estados Unidos como alternativa de enriquecimento e as remessas da moeda americana que aquecem o mercado local, a cidade ganhou na mídia o apelido de Valadólare. Siqueira (2006) destaca que os emigrantes estão sempre em contato com a cidade de origem e mantêm uma remessa regular que influencia na economia local e reconfigura o estilo de vida da cidade.

Siqueira (2007) também destaca que o Brasil é o segundo maior receptor de remessas da América Latina, sendo que grande parte delas é destinada à microrregião de Governador Valadares. Antes, as remessas chegavam pelas agências de turismo, mas a partir do ano 2000, o sistema bancário nacional em parceria com bancos americanos criou um sistema legal para o envio do dinheiro.

Antes da regulamentação do envio das remessas era comum o câmbio ilegal da moeda norte-americana, que ganhava espaço nos jornais, comprometendo, mais uma

vez, a imagem dos valadarenses. O personagem criado pelos publicitários do Diário do Rio Doce também se arrisca nesta empreitada ilícita, como mostra a tira publicada no dia 20 de julho de 1990 (Tira 11)

TIRA 11



Fonte: Diário do Rio Doce

Os imigrantes retornados, ao voltar, conseguiam comprar alguns bens de consumo que antes não tinham acesso e faziam questão de reverenciar a terra do *Tio Sam* como uma espécie de Eldorado. Não apenas os imigrantes, mas também os meios de comunicação de massa. Como destaca a pesquisadora Margolis (1994), a mídia ajudou a criar a imagem dos Estados Unidos como uma espécie terra prometida. A salvação para a espécie humana, como uma nação não dividida pelo estresse social e econômico provocado pelo que se tem ou não tem, como um lugar em que o governo se preocupa com as pessoas e não é corrupto.

Além do mais os brasileiros são bombardeados pela música e o pelo cinema americano, fato que gera uma admiração e curiosidade pelo que vem dos Estados Unidos. Essa fixação país norte-americano e o desejo de emigrar a qualquer custo também são evidenciados nas histórias do Capitão Dólar. No caso da “tirinha” reproduzida abaixo (Tira 12), publicada no Diário do Rio Doce no dia 1º de agosto de 1990, Johnny se aproveita do desejo de emigrar dos Valadarenses para conseguir mais fregueses. Assim, os cartunistas acabam ajudando a firmar a imagem do valadarense como um povo desenraizado e obcecado pela idéia de migrar como única alternativa para melhorar de vida.

TIRA 12



Fonte: Diário do Rio Doce

O subdesenvolvimento do Brasil é motivo de chacota para um valadarense que se sente deslocado em sua terra natal. Para ele, o povo brasileiro pensa pequeno e precisa ampliar suas perspectivas. Nesta tira o protagonista da história, Capitão Dólar, não se contenta com a simplicidade do protesto pela duplicação de uma rodovia e busca uma alternativa à altura da sua condição americanizada: uma estrada com cinco vias, sendo que uma delas tem como destino os Estados Unidos. Na sua mente, a solução de todos os problemas para Governador Valadares.

Com esta história publicada no dia 17 de agosto (Tira 13), os autores apresentam um homem alienado, que só consegue ver o lado negativo do Brasil e o lado positivo dos Estados Unidos. Vale a pena destacar também nesta tira a barraquinha de troca de dólar, as bandeiras com cifrão, a utilização de termos em inglês na faixa de protesto do Capitão e as múltiplas possibilidades de acesso ao país de destino que contempla, até mesmo, objetos não identificados.

TIRA 13



Fonte: Diário do Rio Doce

E nem mesmo a paixão nacional escapou. Na hora de escolher o time de futebol preferido o Capitão deixou o Democrata, principal equipe de Governador Valadares de lado, e preferiu equipes que levassem América no nome, como uma forma de homenagear os Estados Unidos, conhecido pelos Valadarenses simplesmente como “América”¹². A tira abaixo publicada no dia 24 de agosto (Tira 14) representa esta situação.

TIRA 14



Fonte: Diário do Rio Doce

E por falar em futebol, no Brasil este é um dos principais motivos que despertam o sentimento de patriotismo na população. De quatro em quatro anos, com a realização do principal torneio futebolístico mundial, a Copa do Mundo, é comum ver o verde e o amarelo estampado pelas ruas. Em outras ocasiões, são raras as demonstrações de amor à pátria. Ao contrário do que acontece nos Estados Unidos, onde os americanos ostentam com orgulho e das mais variadas formas a bandeira nacional.

E parece que este sentimento tomou conta do nosso herói dos quadrinhos. Mas, ao invés de despertar o amor pela pátria mãe, ele voltou completamente fissurado pela terra do *Tio Sam*, estando disposto, inclusive a arriscar sua vida na Guerra em favor dos norte-americanos, como podemos observar na figura abaixo (Tira 15)

¹² Como destaca Almeida (2003) Os primeiros imigrantes que saíram de Governador Valadares tinham como o objetivo de “fazer a América” – expressão usada para identificar todos os que buscam nos EUA a oportunidade de ganhar dinheiro, fazer um capital em pouco tempo e voltar para o Brasil, onde o dinheiro será investido.

TIRA 15

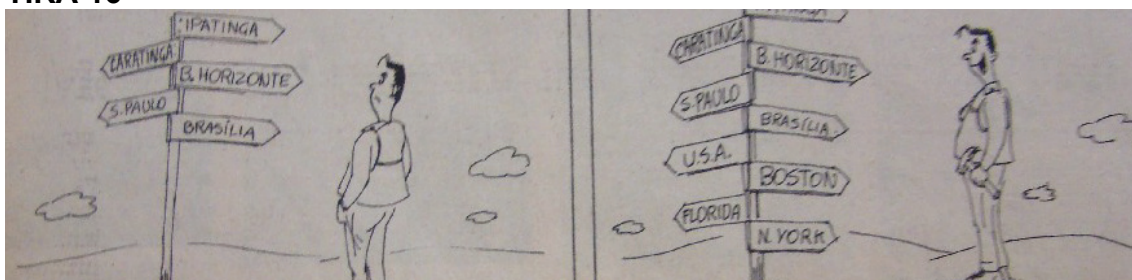


Fonte: Diário do Rio Doce

Como foi dito anteriormente o Capitão Dólar não se sente pertencente à cidade de Governador Valadares depois que volta dos Estados Unidos. Siqueira (2007) compreende que para o emigrante a empreitada do retorno é ainda mais complicada do que a decisão de migrar para um país estrangeiro.

(...) quando emigram estão cheios de esperança e quando retornam são acometidos pelo estranhamento de seus lugares de origem e das pessoas que habitavam seu universo social. Isto ocorre porque, durante o tempo de afastamento, idealizaram as relações sociais e o espaço onde viviam e quando retornam não reconhecem. (SIQUEIRA, 2007, p.10)

Na tira abaixo (Tira 16) a placa indicando a direção de algumas cidades brasileiras e confunde o Capitão Dólar, que sente falta da indicação de cidades americanas. Como destaca Hall (2003) não se sente em casa na sua cidade natal pois, após a experiência migratória é como se ele pertencesse a dois lugares, estando lá e cá simultaneamente.

TIRA 16

Fonte: Diário do Rio Doc

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como afirma Sayad (2000) a imigração não acontece sem deixar marcas, que afetam o país de origem, o de destino e, principalmente, os seres humanos envolvidos na empreitada migratória, tanto aqueles que vão quanto aqueles que ficam. O projeto de retorno faz parte do projeto migratório, o imigrante deixa a cidade natal, mas pretende voltar, no entanto, com uma condição bem melhor daquela que tinha quando emigrou. No entanto, ao retornar é acometido por um sentimento de estranhamento, pois já não reconhece sua cidade natal.

Mas, quando o assunto é migração internacional, a cidade de Governador Valadares se transforma em referência, sendo conhecida como o principal exportador de mão-de-obra brasileira para os Estados Unidos. Como não poderia ser diferente, esta ligação entre a cidade e o fenômeno migratório despertou a atenção dos mais variados setores da sociedade, dentre os quais destaca-se a mídia, que retratou a questão das mais variadas formas.

O presente artigo nos traz uma abordagem opinativa, feita a partir das tiras, que retratam o migrante retornado valadarense com humor e uma certa dose de ironia e sarcasmo. O personagem Capitão Dólar sugere um homem deslumbrado, ignorante que retorna cheio de si e acredita que seus preciosos dólares são capazes de comprar qualquer coisa, mesmo aquelas cujo preço não é possível calcular.

Apesar de ser uma obra de ficção e da imagem estereotipada que transmite, os quadrinhos retratam uma realidade dos anos de 1990: o interesse latente dos valadarenses pela terra do *Tio Sam*. No entanto, o personagem com o ar prepotente e sua paixão pelos Estados Unidos ridiculariza os valadarenses e sobretudo a si mesmo,

pois se mostra um homem alienado e ignorante.

Desta forma, a mídia ajuda a construir uma imagem negativa da migração e dos migrantes valadarenses, que estão sempre associados ao cambio ilegal da moeda americana, à falsificação de passaportes e uma série de outros esquemas ilícitos. Além disso, a cidade acaba fadada com uma terra sem oportunidades, cuja melhor saída para uma vida melhor é o aeroporto. A imagem passada é de uma identidade fragmentada e, sobretudo, desterritorializada.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMANAQUE DA FOLHA. DINHEIRO/CRONOLOGIA. **Banco de dados da Folha de São Paulo/ Acervo On line.** Disponível em: <http://almanaque.folha.uol.com.br/dinheiro90.htm>. Acesso em: 20 de janeiro de 2010.

ALMEIDA, Zenólia Maria. **Fazer a América:** inserção e mobilidade do imigrante brasileiro em uma economia de base étnica. Coronel Fabriciano: Unileste-MG, 2003.

AMORIM, Aparecida. As interfaces entre emigração internacional e religião: um estudo de caso. **Cadernos Neder.** Governador Valadares: Univale, n.2, p.101-116, 2008.

ASSIS, Gláucia de O. **Estar aqui... Estar lá...:** Uma cartografia da emigração valadarense para os Estados Unidos. 1995. 230 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós- Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1995.

ASSIS, Gláucia de Oliveira; SIQUEIRA, Sueli. Mulheres emigrantes e a configuração de redes sociais. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana.** Brasília, ano 17, n.32, maio 2009.

BASSANEZI, Maria Silvia Casagrande Beozzo. **Família e Imigração Internacional no Brasil.** Estudos de História, Franca, v. 6, n. 2, p. 163-191, 1999.

BICALHO, José Vitor. **Yes, eu sou brazuca.** Governador Valadares: Ibituruna, 1989.

BRITO, F. . **Ensaio sobre as Migrações Internacionais no Desenvolvimento do Capitalismo.** Revista Brasileira de Estudos da População, São Paulo, v. 12, n. jan/fev, p. 45-67, 1996.

CAVALCANTE, Aparecida Amorim. **A imagem pública de Itamar Franco na mídia impressa:** Folha de São Paulo, Estado de Minas, Revista Veja. 2002. 152 f. (Dissertação de Mestrado) - Curso de pós-graduação em Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2002.

ESPÍNDOLA, Haruf Salmen e OOSTERBEEK, Luiz. Os desafios da gestão Integrada do Território. **Área Domenium**, Portugal/Brasil, v.3,n.3, p. 19-39, fev. 2008.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2004.

HALL, S. 2003. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG

IANNI, Otávio. Globalização e diversidade. In: PATARRA, Neide Lopes. (org.). **Migrações internacionais, herança XX e Agenda XXI**. Campinas (SP): FNUAP, 1996, p. 1 – 15.

_____. Otávio. **A sociedade global**. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997. Capítulos I a V, pgs. 11-124.

MARGOLIS, Maxine L. **Little Brazil**. Imigrantes brasileiros em Nova York. São Paulo: Papyrus, 1994.

MELO, Jair Alcindo Lobo de. **Tiras jornalísticas e ensino: estratégias de leitura do texto icônico-verbal**. 2008, 108f. (Dissertação de Mestrado) - Curso de Mestrado em Linguística Aplicada do Departamento de Ciências Sociais e Letras da Universidade de Taubaté, Taubaté, 2008.

NICOLAU, Marcos. **As tiras de jornal como gênero jornalístico**. Disponível em: <<http://www.insite.pro.br>> acesso em: 10 de janeiro de 2010.

PATARRA, Neide. **Migrações internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais**. Estudos Avançados, São Paulo, v. 20, n. 57, p. 7-24, agosto 2006

PORTES, Alejandro, RUMBAUT, Rubén G. Introduction. In: **Immigrant America**. A portrait. Berkeley: University of California Press, 1996. Cap. 1, p. 1-27.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ed. Ática, 1993.

SALES, Teresa. **Brasileiros longe de casa**. São Paulo: Cortez, 1999.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: EDUSP, 2002

SASSEN, S. The mobility of labor and capital: a study in international investment and labor flow, **New York, Cambridge University Pres, 1988**.

SIQUEIRA, Sueli. **Migrantes e empreendedorismo na Microrregião de Governador Valadares** – Sonhos e frustrações no retorno. 2006. 200f. Tese (doutorado em Ciências

Humanas – Sociologia e Política) – Faculdade de filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.

_____. O sonho frustrado e o sonho realizado: as duas faces da migração para os EUA. **Revista Nuevo Mundo Mundos Nuevo**. 07 de junho de 2007. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/index5973.html>. Acesso em 15 de janeiro de 2010.

_____. Emigração e retorno na perspectiva de gênero. **In: Reunião Brasileira de Antropologia, 2008, Porto Seguro**. 26ª RBA Desigualdade na Diversidade. **São Paulo: RBA, 2008**.

SOARES, Weber. **Emigrantes e investidores**: redefinindo a dinâmica imobiliária na economia valadarense. 174 f. Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Demografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.

_____. **Da metáfora à substância**: redes sociais, redes migratórias e migração nacional e internacional em Governador Valadares e Ipatinga. 2002. 344 f. Tese (Doutorado em Demografia) – Centro de desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.